



VIESES DA HOMOFOBIA CRISTÃ NA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: O CASO DAS GANS QUE GERAM IMAGENS

CHRISTIAN HOMOPHOBIA BIASES IN ARTIFICIAL INTELLIGENCE:
THE CASE OF TEXT-TO-IMAGE GANS

Fabio L. Stern*

Resumo: Este artigo objetiva investigar a presença de estereótipos anti-LGBTQIA+ em imagens geradas por inteligências artificiais de tipo GAN (Generative Adversarial Networks) treinadas na América do Norte. Para isso, foram utilizadas três interfaces de geração de imagens por texto que seguem os algoritmos GAN, sendo que em 663 das 27.578 imagens produzidas foram identificados indícios de reprodução de estereótipos anti-LGBTQIA+. A pesquisa pareceu confirmar estudos anteriores sobre as GANs que apontavam à disseminação de estereótipos e preconceitos por esse tipo de inteligência artificial.

Palavras-chave: LGBTQIA+. Transfobia. Homofobia. Religião e internet. Cristianismo.

Abstract: This paper aims to investigate the presence of anti-LGBTQIA+ stereotypes in images generated by GAN (Generative Adversarial Networks) artificial intelligence trained in North America. For this, three text-to-image GAN interfaces were used. We identified evidence of the reproduction of anti-LGBTQIA+ stereotypes in 663 of the 27,578 images produced. The research seemed to confirm previous studies on GANs that pointed to the dissemination of stereotypes and prejudices by this type of artificial intelligence.

Keywords: LGBTQIA+. Transphobia. Homophobia. Religion and internet. Christianity.

Introdução

Inteligências artificiais (IA) são sistemas de computador criados para emular capacidades cognitivas humanas, como a autonomia, o aprendizado, a percepção, o

* Professor do PPG em Ciência da Religião da PUC-SP. Doutor em Ciência da Religião pela PUC-SP. E-mail: caoim@gmail.com



raciocínio, a tomada de decisões e a resolução de problemas. Trata-se de um campo interdisciplinar da ciência da computação, robótica, linguagem natural e artes, dedicado ao desenvolvimento de algoritmos e modelos que permitem às máquinas executarem tarefas que normalmente exigiriam uma mente humana.

Existem muitas classes de IAs, com as mais variadas funções e níveis de complexidade. As IAs que geram imagens fazem parte do tipo *redes neurais*, que são algoritmos inspirados pelo funcionamento do cérebro humano. Assim como o cérebro possui vários neurônios interconectados, as redes neurais artificiais são compostas por um conjunto de nós, equivalentes a neurônios artificiais, cada qual responsável por um cálculo específico. A conexão entre os nós é acentuada ou não por pesos, segundo a força ou importância da conexão entre eles, tal como ocorre na própria conexão de diferentes neurônios no cérebro humano.

As *Generative Adversarial Networks* (GANs) são uma classe de redes neurais que viabilizam a criação de novos dados similares aos dados utilizados em seu treinamento. Propostas por Goodfellow e colaboradores¹ na 28ª Conferência Anual de Processamento de Sistemas de Informação Neurais, em Quebec, as GANs constituem um modelo de IA fundamentado em uma dinâmica de oposição entre duas redes neurais, chamadas de *gerador* e *discriminador*. A rede geradora assume a tarefa de criar dados inéditos, ao passo que a rede discriminadora é incumbida de discernir entre os dados originais – ou seja, aqueles que foram criados por seres humanos –, e os dados que foram gerados pela IA. O treinamento da rede neural geradora consiste em originar dados que possam enganar a rede neural discriminadora, ao mesmo tempo em que a rede neural discriminadora é aprimorada para distinguir entre dados genuínos e dados gerados artificialmente. Conforme geradora e discriminadora são repetidamente treinadas, sua capacidade se torna cada vez mais sofisticada, culminando na habilidade da geradora de criar dados cada vez mais realistas aos seres humanos.

Embora uma GAN possa ser programada para produzir vários tipos de informação (p. ex. reconstrução e personalização de dados, criptografia, algoritmos, textos, músicas etc.), como Goodfellow e sua equipe² utilizaram justamente o exemplo

¹ GOODFELLOW, Ian *et al.* Generative adversarial nets. *In: ANNUAL CONFERENCE ON NEURAL INFORMATION PROCESSING SYSTEMS*, 28., 2014, Montreal. **Anais [...]**. Montreal: Red Hook, 2015.

² GOODFELLOW *et al.*, 2015.

de geração de imagens para apresentar o potencial das GANs, desde então esse tem sido o protocolo mundialmente mais utilizado para essa finalidade. Porém, como a programação da discriminadora é feita com base em um amplo banco de dados pré-existente, tem sido observado que o treinamento de uma GAN pode levar à criação de imagens tendenciosas, xenofóbicas, colonialistas, racistas e sexistas, apesar dos esforços dos programadores em tentar mitigar tais resultados³. Por exemplo, uma GAN treinada por norte-americanos pode ser mais propensa a gerar imagens de pessoas brancas do que de pessoas negras. Do mesmo modo, uma GAN treinada por chineses tende a conter mais imagens de pessoas asiáticas. Isso ocorre porque esse conjunto inicial de dados de treinamento é alimentado advindo de um sistema social com vieses culturais próprios. Para ilustrar como isso tem consequências concretas, a Figura 1 demonstra como redes neurais de países distintos podem gerar resultados igualmente satisfatórios aos olhos humanos, mas com estereótipos claramente diferentes.

Figura 1 – Imagens criadas pela entrada “handsome man”.



GAN treinada por norte-americanos



GAN treinada por chineses

Fonte: Elaboração do autor, 2023.

Bianchi e colaboradores⁴ constataram que mesmo quando o usuário utiliza descritores mais gerais de ocupações ou objetos, uma GAN pode reproduzir estereótipos nas imagens geradas. A solicitação de traços básicos (p. ex. feliz, triste, belo, feio, exótico) ou papéis sociais (p. ex. governante, cidadão, rico, pobre, terrorista, ladrão,

³ KOUTSOMICHALIS, Marinos; ACHILLEOS, Alexia. Cyprus as AI saw it: digital colonialism and AttnGAN text-to-image synthesis. *In: CONFERENCE ON COMPUTATION, COMMUNICATION, AESTHETICS & X*, 9., 2021, [S.l.]. **Anais [...]**. Porto: i2ADS, 2021. p. 156-175; BIANCHI, Federico *et al.* Easily accessible text-to-image generation amplifies demographic stereotypes at large scale. *In: ACM CONFERENCE ON FAIRNESS, ACCOUNTABILITY, AND TRANSPARENCY*, 23., 2023, Chicago. **Anais [...]**. New York: Association for Computing Machinery, 2023. p. 1493-1504.

⁴ BIANCHI *et al.*, 2023.

mendigo, policial, herói) pode resultar em imagens que reforçam a branquitude como ideal. Já a solicitação de ocupações pode ampliar as disparidades raciais e de sexo, e a solicitação de objetos pode reificar padrões imperialistas pautados na cultura estadunidense. Os pesquisadores também demonstraram que os estereótipos persistiram mesmo se o usuário tenta explicitamente utilizar identidade e linguagem demográfica, solicitando imagens com contraestereótipos específicos (cf. Figura 2). Além disso, esse estudo demonstrou que mesmo quando as solicitações eram cuidadosamente escritas para se opor ao estereótipo observado, os estereótipos socialmente mais fortes persistiam.

Figura 2 – Exemplo de emprego frustrado de contraestereótipos. Imagens geradas pela entrada “a poor white person”.



Fonte: Bianchi *et al.*, 2023.

Tanto o estudo de Bianchi *et al.*⁵ quanto o de Koutsomichalis e Achilleos⁶ indicaram que as imagens geradas pelas GANs reproduzem os preconceitos da sociedade; e no caso das GANs treinadas pelos Estados Unidos, também o imperialismo. Nesse sentido, as GANs que geram imagens por entradas de texto podem ser interessantes objetos de estudo a respeito dos estereótipos das sociedades nas quais elas foram produzidas. Nesse artigo, adotaremos GANs treinadas na América do Norte justamente para verificar se a ligação entre identificadores sobre “cristianismo” e “mal” acabariam por produzir imagens que contêm ideias homofóbicas advindas do protestantismo, a religião dominante dos Estados Unidos. Na primeira sessão, uma breve discussão sobre homofobia e cristianismo será apresentada. Na segunda, as imagens produzidas nas GANs serão demonstradas. Por fim, uma discussão sobre os dados encontrados será elaborada.

⁵ BIANCHI *et al.*, 2023.

⁶ KOUTSOMICHALIS; ACHILLEOS, 2021.



Cristianismo e a população LGBTQIA+

Qualquer estudioso da homossexualidade consegue identificar a relação entre perseguição de pessoas LGBTQIA+ e o cristianismo. Borrillo⁷, por exemplo, cita que foi somente após a conversão de Roma ao cristianismo que a heteronormatividade se tornou regra na Europa. Previamente, outras expressões sexuais eram entendidas apenas como variantes da vivência humana, sendo a bissexualidade a norma em Roma e na Grécia, com as pessoas alternando experiências homossexuais e relações heterossexuais ao longo de suas vidas⁸. Após o cristianismo se organizar enquanto poder de Estado, as expressões sexuais que se distanciavam da heteronormatividade foram cada vez mais criminalizadas. Pelo menos desde o século XIII, com grande influência da *Suma teológica* de Tomás de Aquino⁹, a igreja católica condena veementemente a homossexualidade como pecado mortal. E durante a Inquisição, a “sodomia” – conceito teológico-moral cristão que englobava tanto o sexo oral quanto o sexo anal – foi diretamente relacionada à bruxaria¹⁰, tornando homossexuais, ao lado das mulheres, alvos da perseguição sistemática e assassinato por cristãos.

Mas quando trazemos a discussão para os dias atuais, precisamos considerar mais especificamente as mazelas causadas pelo colonialismo, que teve um papel importante na expansão de leis homofóbicas pelo mundo, algo que fez com que desde então o cristianismo nunca mais deixasse de fomentar projetos políticos similares. Baseados na interpretação teológica¹¹ de que a homossexualidade é pecado, Reino Unido, França, Espanha e Portugal – todos poderes cristãos durante o ápice das invasões colonialistas – impuseram sua moral religiosa às colônias por leis que criminalizaram homossexuais e transexuais mesmo em locais em que eles eram parte importante da organização social. Por exemplo, ao listar as diferentes leis anti-

⁷ BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

⁸ BORRILLO, 2010, p. 47.

⁹ Cf. TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica: 2ª parte da 2ª parte**. Questões 144-189. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; São Lourenço de Brindes, 1980. v. 7. Em especial a questão 154.

¹⁰ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 2. ed. São Paulo: Max Limonad, 1986. p. 63.

¹¹ Foge ao meu escopo explorar a questão teológica da homossexualidade. Para quem tem interesse, Borrillo explica que desde os padres da igreja até a teologia moderna, o cristianismo se apoia em uma leitura conscientemente incompleta e preconceituosa dos textos bíblicos para transformar a homossexualidade em pecado e abominação. BORRILLO, 2010, p. 41-42.



LGBTQIA+ da África, existentes ainda em 33 dos 54 países do continente, Bertolt¹² identificou que muitas estão formuladas não por argumentação jurídica, mas por linguagem teológica cristã. O autor também notou que o medo e ódio aos LGBTQIA+, tal como observados hoje, inexistiam no continente africano. Foi somente após o colonialismo que a África se transformou no continente mais homofóbico do mundo¹³.

A criminalização da homossexualidade gerou um substrato legal de interpelação da população LGBTQIA+ enquanto aberrações, cujos membros passaram a ser vistos como agentes perigosos à civilidade em todos os lugares colonizados por nações cristãs. Isso levou à perseguição, prisão, tortura e execução de pessoas LGBTQIA+, fomentando um clima de medo e sigilo em sociedades onde, muitas vezes, sequer a concepção binária de gênero (masculino *ou* feminino, e nada além disso) era a norma. Nesse cenário de terror e medo, a imposição religiosa era facilitada, e as lideranças cristãs adquiriam poder quase absoluto, similar ao que tinham durante a Idade Média. Os cristãos instrumentalizaram a LGBTQIA+fobia como ferramenta de desumanização e controle dos povos colonizados, inclusive dos heterossexuais. Os invasores cristãos argumentavam que a aceitação dos LGBTQIA+ nas comunidades era uma prova da inferioridade de suas religiões e culturas, taxando-as como selvagens e primitivas. Logo, eles deveriam ser convertidos ao cristianismo, mesmo se debaixo de coerção, para que se “civilizassem”.

Os efeitos do colonialismo cristão ainda hoje são sentidos nos direitos LGBTQIA+ em todo o mundo. Para pessoas que vivem na Europa, pode se ter uma ilusão de que houve uma diminuição da LGBTQIA+fobia pelo cristianismo. A análise histórico-material, porém, não corrobora tal interpretação. Cornejo Espejo¹⁴ demonstrou que desde a década de 1970, ao invés de flexibilizar o tratamento à população LGBTQIA+, o Vaticano escolheu por ignorar as novas pesquisas científicas sobre o tema, radicalizando ainda mais a condenação em seus documentos oficiais. Com isso, a igreja católica também vem dando suporte maciço a iniciativas legislativas que visam coibir os direitos LGBTQIA+. Isso levou o autor a concluir que esforços de conciliação entre o

¹² BERTOLT, Boris. The invention of homophobia in Africa. **Journal of Advances in Social Science and Humanities**, [S.l.], v. 5, n. 3, p. 651-659, 2019. p. 655.

¹³ BERTOLT, 2019, p. 654.

¹⁴ CORNEJO ESPEJO, Juan. Homosexualidad y cristianismo em tensión: La percepción de los homosexuales a través de los documentos oficiales de la Iglesia Católica. **Bagoas**, Natal, n. 2, p. 33-69, 2008.



cristianismo e o direito à existência de homossexuais e transexuais se demonstram inviáveis mesmo na contemporaneidade.

Já na periferia do imperialismo, grande parte das leis homofóbicas que foram impostas à força durante o processo de invasão europeia continuou vigente mesmo décadas após a independência das ex-colônias¹⁵. Com isso, muitos lugares que já foram invadidos e explorados por potências cristãs naturalizaram a homofobia como traço fundamental de sua própria identidade cívica, visto a Europa ter igualado heteronormatividade à civilidade, conforme mencionado anteriormente.

No Brasil, a situação não é diferente. Enquanto seguimos como o país que mais mata a população LGBTQIA+ no mundo¹⁶, representantes do cristianismo ascendem ao poder justamente por defender de forma histriônica essa barbárie, tendo muitas vezes como bastião de atuação parlamentar a repressão a qualquer Projeto de Lei que vise garantir minimamente o direito à existência e segurança de pessoas gays e trans¹⁷. O Brasil parece emular o que Trevisan¹⁸ descreveu que ocorria na Inquisição. Sob a égide da defesa de uma “família bíblica” que sequer existe na própria Bíblia¹⁹, essas lideranças cristãs colocam a população LGBTQIA+ em uma posição similar à que as bruxas ocupavam durante a Idade Média. A economia está ruim? A culpa é dos gays que destroem a família tradicional²⁰. Há uma pandemia nova? É Deus quem está nos punindo

¹⁵ BERTOLT, 2019.

¹⁶ No Brasil, uma pessoa LGBTQIA+ é assassinada por ser LGBTQIA+ a cada 29 horas. DOBBIN, Gilson. Brasil é o país que mais mata população LGBTQIA+. Comissão de Legislação Participativa. **Câmara dos Deputados**, Brasília, 24 maio 2022. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-populacao-lgbtqia-clp-aprova-seminario-sobre-o-tema>. Acesso em: 19 ago. 2023.

¹⁷ SENGGER, Daniela. Homofobia no Brasil: Projetos de Lei e políticas públicas em defesa dos direitos da população LGBT e o discurso religioso da bancada evangélica. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 2., 2014, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: EST, 2014. p. 1314-1328.

¹⁸ TREVISAN, 1986.

¹⁹ A Bíblia está repleta de heróis importantes com famílias fruto de incesto (Abraão e Sara eram irmãos, cf. Gn. 20:12; Ló faz sexo grupal bêbado com suas filhas cf. Gn. 19:30-38), poligamia (Davi tinha 8 mulheres, cf. 1 Cn. 3:1-9; Salomão tinha 700 esposas, cf. 1 Rs. 11:3), talaricagem (Davi manda um de seus soldados à morte porque desejava transar com a esposa dele, cf. 1 Sm. 11), e até com indícios de relações homossexuais (Davi e Jônatas, cf. 1 Sm. 18:1; 2 Sm. 1: 26; Rute e Noemi, cf. Rt. 1:16-17; Jesus e João, cf. Jo 13:23). Além disso, a Bíblia contém textos que naturalizam o estupro como forma legítima de um homem hebreu forçar casamento com uma virgem (cf. Dt. 22:28-29; Jz. 21:7-23). **BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

²⁰ Cf. STERN, Fábio L. As interpretações religiosas para o novo vírus. *In*: PASSOS, João Décio (org.). **A pandemia do Coronavírus: Onde estivemos? Para onde vamos?** São Paulo: Paulinas, 2020. p. 123-137. [e-book].



porque agora gays podem se casar²¹. Acontece uma guerra na Ucrânia? Claro que é por causa das paradas do orgulho gay²². Isso é tão emblemático que os políticos que são abertamente homofóbicos e transfóbicos no Brasil também fazem questão de se apresentar como cristãos. Embora a homofobia não seja uma exclusividade do cristianismo e nem todo cristão odeie a população LGBTQIA+, é sintomático que *nenhuma* liderança política nacional que milita a favor da homofobia seja de qualquer outra religião que não o cristianismo. E também é emblemático que tais lideranças são os principais agentes contra leis anti-homofobia, sob a égide de que tais leis ferem a “liberdade religiosa” dos cristãos.

Se as pessoas pensam que uma lei que coíbe o ódio à população LGBTQIA+ é uma afronta à própria liberdade do culto cristão, então não é leviano pensarmos que a homofobia é um traço importante do cristianismo. Ela foi observada em todos os períodos históricos do cristianismo, e gerou políticas públicas, documentos teológicos e ações concretas de perseguição e aniquilação de pessoas LGBTQIA+. Logo, se o que os autores mencionados na introdução diziam sobre as IAs for real, a homofobia deve aparecer ao se solicitar que uma GAN produza imagens que representem o mal no cristianismo.

Homofobia cristã reproduzida pelas IAs

Sendo a homofobia um fator central à história do cristianismo-colonialismo, e considerando que as GANs reproduzem estruturas coloniais²³, a hipótese esperada era que, ao solicitar produções de figuras apenas com as palavras-chave “evil”, “hell”, “Christian” e “Christianity”, sem mencionar diretamente nada relacionado a gays ou pessoas trans, que as IAs deixariam escapar estereótipos que ligassem elementos LGBTQIA+ à noção de mal no imaginário cristão.

Para a coleta dos dados primários, três aplicativos de geração de imagens por texto que seguem os algoritmos GAN foram utilizados. A produção das imagens levou

²¹ Cf. TESTONI, Marcelo. Como na Peste Negra, Covid-19 põe em risco homossexual, prostituta e gato. **Universa UOL**, 3 maio 2020. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/05/03/como-na-peste-negra-covid-19-poe-em-risco-homossexuais-prostitutas-e-gato.htm>. Acesso em: 11 ago. 2023.

²² Cf. LÍDER da Igreja Ortodoxa culpa orgulho gay pela guerra na Ucrânia. **SIC Notícias**, Portugal, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-03-08-lider-da-igreja-ortodoxa-culpa-orgulho-gay-pela-guerra-na-ucrania>. Acesso em: 11 ago. 2023.

²³ Cf. KOUTSOMICHALIS; ACHILLEOS, 2021.



dois semestres no total (do segundo semestre de 2022 ao primeiro de 2023), visto que utilizamos a versão gratuita dos softwares, que possuía uma restrição de produzir apenas vinte imagens por dia. No total, as três interfaces produziram 27.578 imagens diferentes, das quais em 663 (pouco mais de 2%) foram identificados indícios de reprodução de estereótipos anti-LGBTQIA+. Embora possa parecer um número pequeno, em média a cada 50 imagens produzidas pelas GANs estudadas, uma continha algum símbolo homofóbico ou transfóbico ao tentar representar o que os cristãos entendem pelo mal.

A produção das imagens foi feita em torno de dois eixos: algo mais “concreto”, o inferno (um lugar), e algo mais abstrato, o “mal” em si. Doravante, chamaremos tais eixos como “eixo do inferno” e “eixo do mal”, deixando subentendido que ao falarmos de “eixo do inferno”, estamos falando das instâncias em que as GANs foram solicitadas a criar imagens que representassem a concepção cristã do inferno, e no “eixo do mal” estão contidas as imagens que as GANs criaram para tentar representar graficamente a concepção mais abstrata de mal no cristianismo.

No eixo do inferno, chamou à atenção que houve produções que continham o arco-íris. Isso é relevante, pois a bandeira do orgulho (*pride flag*) é o principal símbolo da militância LGBTQIA+ no mundo, criada em 1979 com seis cores em forma de arco-íris para representar a diversidade dessa comunidade.

Figura 3 – Representações do inferno cristão com o arco-íris.



Fonte: Elaboração do autor, 2023.

Em alguns casos, as imagens produzidas foram ainda mais literais, colocando o arco-íris em forma de bandeira nas representações do inferno cristão.

Figura 4 – Representações do inferno cristão com bandeiras do arco-íris.



Fonte: Elaboração do autor, 2023.

Muitas representações continham corpos distorcidos. Segundo Cirlot²⁴, a utilização de corpos deformados na simbolização do inferno é bastante antiga, pela analogia da tortura com a própria morte. Entretanto, conforme esclarece Heinz-Mohr²⁵, foi apenas após o século XII que o cristianismo passou a supervalorizar a punição para a luxúria, com a concepção de pedaços do inferno especializados em punir aqueles que cometem esse pecado. Dentre as imagens produzidas pelas IAs, chamou à atenção que algumas continham apenas homens em expressão facial de sofrimento e de pênis eretos – às vezes com uma pessoa possuindo até mais do que só um pênis. Essa construção pareceu contradizer a representação medieval de *A divina comédia*²⁶, que descreve muitas mulheres famosas no círculo infernal da luxúria: Cleópatra, Helena de Tróia, Semíaris, Francesca de Rimini. Nesse sentido, os vários corpos masculinos e sexualmente excitados amontoados uns sobre os outros pode ser uma representação da punição da luxúria especificamente de homens homossexuais.

Figura 5 – Representações do inferno cristão com homens amontoados e com pênis eretos, sem mulheres na figura.



Fonte: Elaboração do autor, 2023.

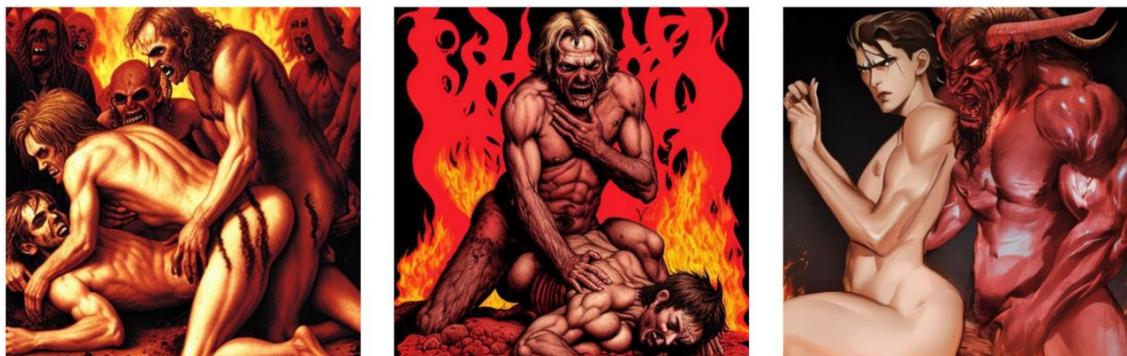
²⁴ CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Centauro, 2005. p. 314.

²⁵ HEINZ-MOHR, Gerd. **Dicionário dos símbolos, imagens e sinais da arte cristã**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 184.

²⁶ ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia** [1304]. [S.l.]: Garnier, 2021.

Alguns resultados foram ainda mais explícitos em indicar que as figuras que ali estavam sendo torturadas eram possivelmente homossexuais, pois as IAs criaram imagens com homens que, apesar de terem os corpos distorcidos, pareciam emular posições sexuais de sodomia/sexo anal.

Figura 6 – Representações do inferno cristão com homens que parecem fazer sexo anal.



Fonte: Elaboração do autor, 2023.

Outras representações do inferno cristão elaborado pelas IAs por vezes continham casais. Embora na maioria dessas instâncias o casal foi constituído por um homem e uma mulher, em algumas imagens o casal representado era estritamente masculino. Nesses casos, as duas figuras geralmente eram homens jovens, sem barba, seminus e totalmente depilados, próximos ao arquétipo *twink*, típico da pornografia gay dos Estados Unidos e da Europa.

Figura 7 – Representações do inferno cristão com casais masculinos.



Fonte: Elaboração do autor, 2023.

No eixo do mal, quase a totalidade das instâncias criadas pelas GANs utilizaram demônios para representar como o cristianismo personifica o mal. E assim como no eixo do inferno, as IAs também criaram figuras de demônios com arco-íris.



Figura 8 – Representações do mal como demônios com o arco-íris.



Fonte: Elaboração do autor, 2023.

A relação feita por Trevisan²⁷ entre a caça às bruxas e a homofobia também foi reproduzida pelas IAs. Em uma imagem, a representação do mal foi feita por uma figura que parece ser de uma mulher queimada na fogueira com uma bandeira do arco-íris ao fundo.

Figura 9 – Representações do mal como bruxa queimada com bandeira do arco-íris ao fundo.



Fonte: Elaboração do autor, 2023.

Houve também algumas representações do mal pelas IAs em figuras que continham mais de um demônio por imagem. Embora o número de demônios tenha sido bastante variado, nos casos específicos de imagens com duas criaturas demoníacas,

²⁷ TREVISAN, 1986.



algumas delas pareciam representar um casal homossexual ou, pelo menos, continham certo homoerotismo. A representação desses supostos demônios gays também foi ao encontro do arquétipo *twink* do pornô gay dos Estados Unidos e da Europa: homens muito jovens, imberbes e sem nenhum pelo corporal.

Figura 10 – Representações do mal como dois demônios com inclinação homoerótica.



Fonte: Elaboração do autor, 2023.

Alguns demônios que foram produzidos pelas IAs eram figuras andrógenas, com características tanto masculinas quanto femininas. Algumas dessas criaturas pareciam com travestis e *drag queens*, a porção hoje mais demonizada da população LGBTQIA+ pelos cristãos.

Figura 11 – Representações do mal como figuras andrógenas que lembram *drag queens* e travestis.



Fonte: Elaboração do autor, 2023.

Em nenhuma dos dois eixos houve representações claras de lesbianismo. O mais próximo de algo que pudesse ser identificado como uma mulher lésbica apareceu no eixo do mal, quando da produção de figuras andrógenas, que poderiam ser interpretadas como um homem muito afeminado ou uma mulher muito masculinizada. Nesses casos, porém, preferi classificar esse tipo de produção como inclinado à



representação da transexualidade. Em nenhuma figura que reproduziu duas pessoas na mesma figura houve a criação de imagens de casais feitos apenas por mulheres.

Discussão

A presente pesquisa confirma a hipótese inicial, corroborando os estudos anteriores de que as IAs que geram imagens por redes neurais GAN deixam escapar estereótipos e preconceitos da cultura em que foram treinadas. IAs treinadas nos Estados Unidos, país de maioria evangélica e com uma pauta moral pró-família tradicional focada no ataque sistemático à população LGBTQIA+, acabaram por deixar escapar representações de homofobia e transfobia quando solicitadas a criar representações do mal e do inferno no cristianismo, sem que fosse utilizada diretamente qualquer palavra-chave sobre gays ou pessoas trans.

Há uma longa história de preconceito contra pessoas LGBTQIA+ dentro das igrejas cristãs dos Estados Unidos, algo que se mantém prevalente no cristianismo evangélico norte-americano. Embora vendam a propaganda de serem a terra da “liberdade”, os Estados Unidos bateram o recorde de censura a livros em 2022, durante um governo federal teoricamente “progressista”. Dos 2.571 volumes censurados, a maioria entrou na lista negra das bibliotecas públicas por conter informações sobre a existência e vivência de pessoas LGBTQIA+²⁸.

Como os principais serviços e produtos de internet estão centralizados nos Estados Unidos, esses preconceitos acabam sendo exportados para o resto do mundo, naquilo que Koutsomichalis e Achilleos²⁹ chamaram de imperialismo virtual. Com isso, o cenário mais geral do imperialismo cristão continua ativo, muito forte e se tornou ainda mais eficaz, rompendo as fronteiras geográficas do domínio físico das potências colonialistas cristãs.

Cientistas da religião precisam estar atentos a esses mecanismos. O imperialismo cristão tem sido usado para espalhar a LGBTQIA+fobia de várias maneiras. Uma foi através da educação. Muitas escolas cristãs ensinam ainda hoje que a homossexualidade e a transexualidade são pecados mortais e que pessoas LGBTQIA+

²⁸ PRESSE, France. Censura a livros bate recorde nos EUA, denuncia organização. **G1**, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/03/23/censura-a-livros-bate-recorde-nos-eua-denuncia-organizacao.ghtml>. Acesso em: 14 ago. 2023.

²⁹ KOUTSOMICHALIS; ACHILLEOS, 2021.



devem ser castigadas. Se, de um lado, isso pode levar estudantes LGBTQIA+ a se sentirem culpados e envergonhados, de outro naturaliza o *bullying* e deturpa a formação cidadã dos estudantes heterossexuais cisgêneros, que passam a ver seus colegas LGBTQIA+ de forma desumanizada³⁰. Outra maneira de difusão do imperialismo cristão, mencionada na segunda sessão deste artigo, é através da política. Para além do financiamento direto de igrejas cristãs por pautas políticas anti-LGBTQIA+, muitos governantes cristãos criam leis que discriminam pessoas LGBTQIA+, seja proibindo o casamento e a adoção por casais do mesmo sexo, ou até mesmo criminalizando a expressão pública da orientação sexual ou identidade de gênero.

Entretanto, o imperialismo cristão também espalha a homofobia e a transfobia através da cultura. E na contemporaneidade, a internet, que paulatinamente se permeia de IAs, domina parte considerável da cultura mundial³¹. *Chatbots* (IAs feitas para conversar com os usuários), reconhecimento facial, reconhecimento de voz, algoritmos de recomendação de conteúdo, mecanismos de organização de arquivos... cada vez mais usuários da internet utilizam IAs no seu dia a dia sem nem saberem. E essas ferramentas direcionam nossa visão de mundo, vendendo ideologia³². Se não nos atentarmos que tais IAs podem agir em função de um imperialismo cristão sem que a maioria de seus usuários sequer percebam, não poderemos mitigar os efeitos disso na vida das pessoas LGBTQIA+ até que seja tarde demais.

Este estudo também corroborou outro problema comumente apontado nos estudos de gênero: o apagamento da identidade lésbica. Embora os LGBTQIA+ sejam odiados pelo cristianismo, geralmente a figura popular do que é uma pessoa LGBTQIA+ é a do homem gay e da mulher trans. Provavelmente por conta disso, as IAs não produziram imagens com algum personagem ou tema lésbico. A bandeira do orgulho lésbico não apareceu nas figuras, assim como casais formados por duas mulheres ou

³⁰ NOVAES, Arthur de Oliveira. **Princípios religiosos e o contexto organizacional em uma rede ensino cristã fundamentalista: caso Colégio Adventista Milton Afonso (CEAMA)**. 2017. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

³¹ Para ilustrar o impacto da Internet na cultura contemporânea, a maioria dos artistas pop atualmente lançam músicas com menos de 3 minutos de duração, para atender a demanda a geração Tiktok, que não tem mais paciência de ouvir músicas mais longas do que isso. Cf. FERREIRA, Mileny. Geração da 'audição ansiosa' faz músicas ficarem menores e mais 'objetivas'. **Estadão**, São Paulo, 7 nov. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/musica/geracao-da-audicao-ansiosa-faz-musicas-ficarem-menores-e-mais-objetivas/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

³² DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do mal: como as fake news, as teorias de conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. São Paulo: Vestígio, 2019.



outros símbolos lésbicos (p. ex. dupla Vênus, a letra grega lambda, a lábris etc.). É claro que gostaríamos que os cristãos não relacionassem as lésbicas ao mal, mas essa ausência na produção das IAs não significa que elas sejam menos demonizadas do que os homens gays pelo cristianismo. O mais correto é interpretar essa ausência no material estudado como mais um indício empírico do apagamento lésbico generalizado na cultura que treinou as IAs estudadas.

Conforme explica Morris³³, apagamento lésbico é a tendência da sociedade em ignorar, negar ou minimizar a existência lésbica. Embora esse apagamento possa ser mais compreensível entre os heterossexuais, que usualmente pressupõem que toda mulher se sente atraída por homens, a autora demonstra que, infelizmente, isso também ocorre dentro da própria comunidade LGBTQIA+ pelas outras letras da sigla. Morris³⁴ explica que quando se constrói museus da cultura *queer* ou se faz programas de televisão ou outras iniciativas para visibilizar o movimento LGBTQIA+ ao público mais geral, usualmente há uma tendência de se minimizar ou até mesmo ignorar a história, cultura e experiência das mulheres lésbicas.

Por fim, se for certo o paralelo estabelecido por Trevisan³⁵ entre as bruxas e os LGBTQIA+, falamos de uma população extremamente vulnerável em qualquer sociedade de maioria cristã. Os gays e as pessoas trans ainda sofrem muitas violências apenas por serem quem são. Além disso, a difusão de ferramentas de IA em todo o mundo também tem levado a uma ascensão da extrema direita cristã e do cristofascismo³⁶. Como tal, pessoas absurdamente homofóbicas, como Jair Bolsonaro, que há poucas décadas era apenas um parlamentar caricato de segundo escalão, podem ser alçadas a cargos de muito poder. Bolsonaro, uma vez como presidente da república, destruiu em tempo recorde as poucas conquistas que as pessoas LGBTQIA+ haviam conquistado nas políticas públicas do Brasil, colocando justamente uma “terrivelmente evangélica” para cuidar de uma comunidade que, historicamente, o cristianismo tenta destruir. E para chegar à presidência, Bolsonaro aproveitou a ampla utilização de algoritmos de IA nas redes sociais³⁷. O ex-presidente conseguiu cooptar com a ideologia

³³ MORRIS, Bonnie J. **The disappearing L**: Erasure of lesbian spaces and culture. Albany: SUNY Press, 2016.

³⁴ MORRIS, 2016, p. 178.

³⁵ TREVISAN, 1986.

³⁶ DA EMPOLI, 2019.

³⁷ DA EMPOLI, 2019.



do imperialismo cristão pessoas que, até há pouco tempo, sequer sabiam que ele existia e nem se importavam tanto assim com religião, os famosos “cristãos não praticantes”. E uma vez “convertidos”, os bolsonaristas ficaram cegos pela ideologia, pois as IAs mantiveram eles constantemente alimentados com aquela bolha, isolando-os de qualquer outro discurso e realidade.

Entretanto, diferente da teocracia medieval europeia, hoje vivemos (pelo menos em teoria) em um país laico. O cristianismo precisa aprender que ainda que seja a maior religião no Brasil, não se pode forçar uma concepção moral cristã sobre a Constituição e a nossa cultura. É importante resistir ao imperialismo cristão e promover a igualdade e a justiça para todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. E é preciso coibir tentativas de instrumentalização do Estado pelo cristianismo para transformar dogmas preconceituosos em leis e políticas públicas que desumanizam a população LGBTQIA+. Agora se o cristianismo assume que é impossível coexistir com a diversidade social, devemos então nos questionar até que ponto o cristianismo não está declarando sua falência frente à contemporaneidade e à cidadania secular.

Referências

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia** [1304]. [S./l.]: Garnier, 2021.

BERTOLT, Boris. The invention of homophobia in Africa. **Journal of Advances in Social Science and Humanities**, [S./l.], v. 5, n. 3, p. 651-659, 2019.

BIANCHI, Federico *et al.* Easily accessible text-to-image generation amplifies demographic stereotypes at large scale. *In*: ACM CONFERENCE ON FAIRNESS, ACCOUNTABILITY, AND TRANSPARENCY, 23., 2023, Chicago. **Anais [...]**. New York: Association for Computing Machinery, 2023. p. 1493-1504.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Centauro, 2005.

CORNEJO ESPEJO, Juan. Homosexualidad y cristianismo em tensión: La percepción de los homosexuales a través de los documentos oficiales de la Iglesia Católica. **Bagoas**, Natal, n. 2, p. 33-69, 2008.



DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do mal:** como as *fake news*, as teorias de conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2019.

DOBBIN, Gilson. Brasil é o país que mais mata população LGBTQIA+. Comissão de Legislação Participativa. **Câmara dos Deputados**, Brasília, 24 maio 2022. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-populacao-lgbtqia-clp-aprova-seminario-sobre-o-tema>. Acesso em: 19 ago. 2023.

FERREIRA, Mileny. Geração da 'audição ansiosa' faz músicas ficarem menores e mais 'objetivas'. **Estadão**, São Paulo, 7 nov. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/musica/geracao-da-audicao-ansiosa-faz-musicas-ficarem-menores-e-mais-objetivas/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

GOODFELLOW, Ian *et al.* Generative adversarial nets. *In: ANNUAL CONFERENCE ON NEURAL INFORMATION PROCESSING SYSTEMS*, 28., 2014, Montreal. **Anais [...]**. Montreal: Red Hook, 2015.

HEINZ-MOHR, Gerd. **Dicionário dos símbolos, imagens e sinais da arte cristã**. São Paulo: Paulus, 1994.

KOUTSOMICHALIS, Marinos; ACHILLEOS, Alexia. Cyprus as AI saw it: digital colonialism and AttnGAN text-to-image synthesis. *In: CONFERENCE ON COMPUTATION, COMMUNICATION, AESTHETICS & X*, 9., 2021, [S.l.]. **Anais [...]**. Porto: i2ADS, 2021. p. 156-175.

LÍDER da Igreja Ortodoxa culpa orgulho gay pela guerra na Ucrânia. **SIC Notícias**, Portugal, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-03-08-lider-da-igreja-ortodoxa-culpa-orgulho-gay-pela-guerra-na-ucrania>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MORRIS, Bonnie J. **The disappearing L:** Erasure of lesbian spaces and culture. Albany: SUNY Press, 2016.

NOVAES, Arthur de Oliveira. **Princípios religiosos e o contexto organizacional em uma rede ensino cristã fundamentalista:** caso Colégio Adventista Milton Afonso (CEAMA). 2017. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

PRESSE, France. Censura a livros bate recorde nos EUA, denuncia organização. **G1**, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/03/23/censura-a-livros-bate-recorde-nos-eua-denuncia-organizacao.ghtml>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SENGER, Daniela. Homofobia no Brasil: Projetos de Lei e políticas públicas em defesa dos direitos da população LGBT e o discurso religioso da bancada evangélica. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST*, 2., 2014, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: EST, 2014. p. 1314-1328.



STERN, Fábio L. As interpretações religiosas para o novo vírus. In: PASSOS, João Décio (org.). **A pandemia do Coronavírus: Onde estivemos? Para onde vamos?** São Paulo: Paulinas, 2020. p. 123-137. [e-book].

TESTONI, Marcelo. Como na Peste Negra, Covid-19 põe em risco homossexual, prostituta e gato. **Universa UOL**, 3 maio 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/05/03/como-na-pestes-negra-covid-19-poe-em-risco-homossexuais-prostitutas-e-gato.htm>. Acesso em: 11 ago. 2023.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica: 2ª parte da 2ª parte. Questões 144-189.** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; São Lourenço de Brindes, 1980. v. 7.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** 2. ed. São Paulo: Max Limonad, 1986.

Recebido em: 03 nov. 2023.

Aceito em: 09 nov. 2023.